

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA

LAURA MADALENA ARAÚJO DA COSTA

COMPORTAMENTO VOCAL DA PESSOA TRANSEXUAL:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

GOIÂNIA

2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA

LAURA MADALENA ARAÚJO DA COSTA

COMPORTAMENTO VOCAL DA PESSOA TRANSEXUAL:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Trabalho apresentado ao curso de Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, a ser utilizado como critério parcial para obtenção do título de bacharel em Fonoaudiologia.

Orientador: Prof. Ms. Marcos H. Borges

GOIÂNIA

2020

RESUMO

Introdução: Para Bento (2008) a transexualidade é uma questão de identidade e sua principal característica é que não se adapta às normas de gênero. O desempenho das pessoas pode ser afetado negativamente por um comportamento vocal inadequado (ANDREWS,1991), com essa afirmativa entendemos que o comportamento vocal do falante trans pode impactar na sua vida de forma negativa.

Objetivo: Pontuar as principais queixas vocais de pessoas transexuais. **Método:** Revisão retrospectiva da literatura nas bases de dados Scielo, Lilacs, PubMed e Portal de Periódicos da CAPES, com publicações do período de 2015 a 2020.

Resultados: Foram selecionados 5 (cinco) artigos, 3 (três) da Língua Portuguesa e 2 (dois) da Língua Espanhola, onde todos mostraram que a queixa principal é a não adequação vocal ao gênero. **Conclusão:** Quase não há estudos sobre o tema e é necessário o conhecimento dessas queixas para a elaboração de políticas públicas.

Palavras Chave: Fonoaudiologia, Saúde Coletiva, Transexualidade e Voz.

ABSTRACT

Introduction: For Bento (2008), transsexuality is a matter of identity and its main characteristic is that it does not adapt to gender norms. People's performance can be negatively affected by inappropriate vocal behavior (ANDREWS, 1991); with this statement, we understand that the typical behavior of the trans speaker can negatively impact his life. **Objective:** Point out the main vocal complaints of

transgender people. **Method:** Retrospective literature review in the Scielo, Lilacs, PubMed and CAPES Journal Portal databases, with publications from 2015 to 2020.

Results: Five (5) articles were selected, three (3) from the Portuguese language and two (2) from the Spanish language, where all showed that the main complaint is the lack of vocal adaptation to the genre. **Conclusion:** There are almost no studies on the topic and it is necessary to know these complaints for the elaboration of public policies.

Keywords: Speech Therapy, Public Health, Transexuality and Voice.

INTRODUÇÃO

Segundo Rougharden (2005), gênero diz respeito a como uma pessoa expressa sua identidade sexual em um contexto cultural, reflete tanto o indivíduo, como a sociedade; o indivíduo influenciando a sociedade e a sociedade impondo suas expectativas sobre este. Gênero significa que somos produtos não somente anatômicos, mas também sociais. Identidade de gênero trata-se de uma questão individual, onde cada indivíduo vai ou não se identificar com seu sexo de nascimento, isso inclui a sua percepção em relação ao seu corpo e até mesmo à sua fala (CEPESC,2009). A orientação sexual tem relação com sentimentos de cada um, envolve conceitos emocionais, físicos ou sexuais, segundo os quais o indivíduo em questão pode se relacionar com pessoas de variados gêneros, isso segundo os Princípios de Yogyakarta (2017). Esses conceitos sempre devem ser bem definidos, o que ajuda na construção do entendimento dos diversos assuntos que estão envoltos ao termo "gênero".

De acordo com Bento (2008) o sistema binário (masculino versus feminino) passa a ideia que o gênero espelha o sexo, e que a natureza determina a sexualidade. O que traz a ideia de que os gêneros só seriam masculino e feminino, excluindo os demais, e vai de encontro com a realidade do cenário atual. A sexualidade é um conceito que está em constante transformação e que tem diversos usos e interpretações e está sujeito a debates (CEPESC,2009).

Bento (2008) diz que tanto a transexualidade quanto a travestilidade são construções de identidade que se localizam no setor do gênero e vem como resposta a uma ordem imposta para gêneros. E para ela a transexualidade é uma questão de identidade e sua principal característica é que não se adapta às normas de gênero. Dentro da identidade de gênero temos o transexual e a travesti sendo que o primeiro é a pessoa cuja identidade de gênero se difere de seu sexo biológico e a travesti é a pessoa que não se reconhece como homem e nem como mulher, mas sim como um terceiro gênero, ou não-gênero (GLOBO, 2017). Para Kinsey et al. (1948) existem três orientações sexuais: heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade. As duas últimas populações correspondentes ainda vivem às margens da sociedade brasileira tanto em um âmbito político, econômico como também no âmbito da saúde.

A American Psychiatric Association (1973) reconheceu que a homossexualidade não se trata de um distúrbio (AMERICAN,2009). O Conselho Federal de Medicina, em fevereiro de 1985 retira a homossexualidade da Classificação Internacional de Doença (CID 11); (BRASIL, 1985). Costa (1991) prefere utilizar o termo homoerotismo no lugar de homossexualidade, ele acredita que esse último termo não consegue englobar todas as experiências psíquicas. Bento (2008) acredita que definir a pessoa transexual como doente seria aprisioná-lo. O Brasil ainda possui traços coloniais de preconceito e é um dos países que tem em seus índices os maiores números de violência contra o público LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, Queer¹, Intersexuais e Assexuados, o + é utilizado para incluir outros grupos e variações) e esses traços se refletem diretamente na saúde, sendo o preconceito e a discriminação a maior queixa dessa população na busca em atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS). De acordo com Blumenfeld (1992) a LGBTIfobia internalizada é quando a pessoa da própria categoria internaliza os valores negativos que a sociedade impõe sobre ela.

Segundo o Art. 196 da Constituição Federal de 1988, a saúde é direito de todos e dever do Estado. Este deve garantir o acesso universal e igualitário às ações e aos serviços de promoção, proteção e recuperação da saúde (BRASIL, 1988). Mesmo assim os atendimentos ao transexual e à travesti continuam em sua maioria gerando situações de discriminação, desrespeito ao nome social, chacotas, estas atitudes levam a pessoa transexual e a travesti a evitar adentrar nos serviços de saúde, o que reflete na piora de suas condições gerais de saúde.

Sendo assim o preconceito é um dos pilares da falta de atendimento profissional qualificado, o que vai de encontro aos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), deixando a desejar no que se diz respeito à universalidade de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência, e à igualdade da assistência em saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie.

¹Queer é uma palavra proveniente do inglês usada para designar pessoas que, seja por sexo biológico, orientação sexual, orientação romântica, identidade de gênero ou expressão de gênero, não correspondem a um padrão cis-heteronormativo

Segundo Behlau e Pontes (1995) a voz é uma das extensões de nossa personalidade. A voz faz parte da socialização e é parte da linguagem oral, sendo assim, produz impacto na qualidade de vida das pessoas (Penteado e Bicudo-Pereira, 2003). De acordo com Colton & Casper (1996), para reconhecer a voz devemos reconhecer as importantes informações que a voz transmite. Sendo assim a voz é instrumento fundamental para a comunicação da pessoa transexual. É uma ferramenta de socialização e confirmação da identidade desse público. Pear (1931) desmostra em sua obra a importância da voz para a expressão da personalidade. Para o autor a voz se caracteriza por vários acontecimentos, e é gesto de expressão.

O desempenho das pessoas pode ser afetado negativamente por um comportamento vocal inadequado (ANDREWS,1991), com esta afirmativa entendemos que o comportamento vocal o falante trans pode impactar na sua vida de forma negativa.

Behlau e Pontes (1995) destacam que o desenvolvimento da voz acompanha o desenvolvimento de um indivíduo, seja do ponto de vista físico, psicológico ou social. Tucker (1994) afirma que voz normal tem um conceito variável e subjetivo, as características incluem frequência adequada para a idade e o sexo, qualidade vocal agradável, intensidade e modulação adequadas.

Segundo Behlau & Pontes (1995), disfonia é um distúrbio de comunicação, que pode ser qualquer dificuldade na emissão vocal onde a produção natural da voz é impedida. Ao falar das características da voz da pessoa transexual não estamos falando de uma alteração ou distúrbio, sendo assim, a disfonia deve ser desconsiderada nestes casos, e o termo a ser adotado deve ser o de adequação vocal, referindo-se, portanto, à despatologização da voz transexual.

“A Saúde Coletiva pode ser considerada como um campo de conhecimento de natureza interdisciplinar cujas disciplinas básicas são a epidemiologia, o planejamento/administração de saúde e as ciências sociais em saúde” (Paim; Almeida Filho, 2000, p. 63). Os autores ainda demonstram que o projeto chamado de Saúde Coletiva e o processo de democratização do país tiveram as mesmas influências. Isso mostra o caráter social da Saúde Coletiva. Segundo Donnangelo (1983) a Saúde Coletiva é desenvolvida em compromisso com a democratização e com a luta pelos direitos humanos e sociais. Sendo assim a Saúde Coletiva se torna instrumento de avanço social, o que a torna ferramenta importante na luta da

comunidade LGBTQIA+ no que diz respeito ao acesso á saúde e ao combate ao preconceito e discriminação.

Este trabalho tem como objetivo apontar por meio de uma revisão bibliográfica as principais queixas vocais das pessoas transexuais.

METÓDO

Este trabalho foi elaborado a partir de uma revisão retrospectiva da literatura nas bases de dados Scielo, Lilacs, PubMed e Portal de Periódicos da CAPES, com publicações do período de 2015 a 2020. As palavras-chave utilizadas para a busca dos artigos foram: Fonoaudiologia, Transexualidade, Voz e Saúde Coletiva. As combinações dos descritores utilizadas foram: Transexualidade e Fonoaudiologia, transexualidade e voz, transexualidade e Saúde Coletiva.

Foram incluídos os estudos que obedeciam aos seguintes critérios: artigos que tratassem da associação entre a transexualidade e Fonoaudiologia, transexualidade e voz, transexualidade e Saúde Coletiva, artigos de revisão de literatura; teses de mestrado e dissertações de doutorado, sendo escritos em língua portuguesa e espanhola.

Foram excluídos artigos com uma ou mais das seguintes características: artigos e teses que não obedecessem aos critérios de inclusão selecionados; estudos repetidos nas diferentes bases de dados ou por não estarem disponibilizados em PDF e na íntegra. No total foram selecionados 10 (dez) artigos, sendo que desse total foram escolhidos 5 (cinco) para serem analisados nesta pesquisa. O resultado dos artigos selecionados será apresentado no quadro abaixo.

O resultado dos artigos selecionados será apresentado no quadro abaixo.

RESULTADO

Nº	Título do Artigo / Autor / Ano / Periódico	Objetivo	Método	Resultado
1	Título do Artigo A relação entre a voz	Tem como objetivo a discussão sobre a	Tipo de Estudo: Pesquisa de	A voz e um fator de expressão de

	<p>e a expressão de gênero: A percepção de pessoas transexuais.</p> <p>Autor: Alana Dantas Barros</p> <p>Ano: 2017</p> <p>Periódico: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília.</p>	<p>influência da voz e da comunicação da pessoa trans em suas interações.</p>	<p>abordagem qualitativa, fundamentada na abordagem metodológica da hermenêutica dialética.</p> <p>População: Participaram do estudo 18 pessoas, cinco mulheres transexuais e 13 homens trans, com média de idade entre 18 e 64 anos.</p> <p>Intervalo de Tempo:</p> <p>Base de dados ou Instrumentos utilizados: Entrevista</p>	<p>gênero para a pessoa transexual, sendo assim, ter a voz adequada a seu gênero é um desejo importante e que impacta na qualidade de vida dessas pessoas.</p>
2	<p>Título do Artigo: Qualidade de vida e voz: a autopercepção vocal de pessoas transgênero</p> <p>Autor: Rodrigo Dornelas, Raphaela Barroso, Guedes-Granzotti, Alberto Silva Souza, Ane Keslly Batista de Jesus, Kelly da Silva</p> <p>Ano:2020</p> <p>Periódico: Audiology Communication Research</p>	<p>Entender como se dá a autopercepção vocal de pessoas transgênero, e a qualidade de vida, como ela influencia e impacta a vida da pessoa trans.</p>	<p>Tipo de Estudo: O estudo de caráter observacional, transversal e analítico, de amostragem</p> <p>População 27 pessoas trans com idades entre 18 e 49 anos, usuários e usuárias do Ambulatório Trans de Sergipe</p> <p>Intervalo de Tempo: Janeiro a Agosto de 2017</p> <p>Base de dados ou Instrumentos utilizados: Qualidade de Vida em Voz (QVV), o Transgender Voice Questionnaire (TVQMtF) e o Índice de Triagem para Distúrbio de Voz (ITDV).</p>	<p>Das 27 pessoas do estudo, 26 apresentaram alguma queixa vocal específica, não havendo diferença significativa entre homens trans e mulheres trans, de acordo com o QVV ficou evidente que a voz da pessoa trans tem alto impacto negativo sobre suas vidas.</p>
3	<p>Título do Artigo O desafio da voz na mulher transgênero: autopercepção de desvantagem vocal em mulheres trans em comparação à percepção de</p>	<p>O objetivo do artigo é analisar a autopercepção vocal de mulheres trans e suas desvantagens comparando a percepção de</p>	<p>Tipo de Estudo: Estudo Transversal descritivo.</p> <p>População: 31 mulheres trans, com idade entre 17 e 59 anos.</p>	<p>A análise de gênero vocal realizada pelos ouvintes leigos considerou 20 vozes como sendo femininas, oito, como masculinas e três como</p>

	<p>gênero por ouvintes leigos</p> <p>Autor: Jeanne Gabriele Schmidt, Bárbara Niegia Garcia de Goulart, Maria Elza Kazumi Yamaguti Dorfman, Gabriel Kuhl, Lauren Medeiros Paniagua</p> <p>Ano: 2018</p> <p>Periódico: CEFAC</p>	gênero por ouvintes leigos.	<p>Intervalo de Tempo: 2005-2012</p> <p>Base de dados ou Instrumentos utilizados: Entrevista clínica e análise acústica.</p>	indefinidas. A autopercepção das mulheres transgênero sobre a voz e identidade de gênero está relacionada à percepção de ouvintes leigos.
4	<p>Título do Artigo: Intervención logopédica en la feminización de la voz en transexuales: revisión bibliográfica (Intervenção fonoaudiológica na feminização da voz em transexuais: revisão bibliográfica)</p> <p>Autor: Alejandra Gómez-Raya</p> <p>Ano: 2018</p> <p>Periódico: Revista de Investigación en Logopedia</p>	Tem como objetivo proporcionar informações amplas sobre o trabalho da Fonoaudiologia na voz da pessoa transexual.	<p>Tipo de Estudo: Revisão Bibliográfica Descritiva.</p> <p>População: Travestis, Transexuais e Transgêneros</p> <p>Intervalo de Tempo:</p> <p>Base de dados ou Instrumentos utilizados: Foram utilizadas as bases de dados virtuais PubMed e Scopus</p>	Todos os artigos concluíram que o tratamento fonoaudiológico para a pessoa transexual é eficaz, fica evidenciado também que a publicação sobre o assunto ainda é pequena, sendo necessárias mais publicações.
5	<p>Título do Artigo: Efecto inmediato de la terapia de tracto vocal semiocluido en los parámetros acústicos en personas transexuales entre 13 a 24 años (Efeito imediato da terapia do trato vocal semiocluído sobre os parâmetros acústicos em transexuais de 13 a 24 anos)</p> <p>Autor: María Soledad Sandoval Z.; Rodrigo Fuenzalida C., Tanya Pérez Z.; Francisco Torres Ch.</p>	Objetivou-se identificar o efeito imediato da terapia vocal que usa a técnica do trato vocal semiocluído em pessoas transexuais.	<p>Tipo de estudo: Investigação quantitativa experimental.</p> <p>População: 8 pessoas Trans entre 13 e 24 anos de idade.</p> <p>Intervalo de Tempo:</p> <p>Base de dados ou Instrumentos utilizados:</p>	Foi notada uma diferença positiva em relação ao antes e depois da terapia, ficando evidente que os exercícios de trato vocal semiocluído contribuíram para a voz da pessoa transexual.

	Ano: 2019 Periódico: Revista de Investigación en Logopedia			
--	--	--	--	--

DISCUSSÃO

O primeiro trabalho selecionado, a dissertação: “A relação entre a voz e a expressão de gênero: a percepção de pessoas transexuais” traz como problema da pesquisa a influência da voz nas relações sociais da pessoa transexual; o estudo cita a importância da Fonoaudiologia na equipe multidisciplinar de atenção à saúde da pessoa transexual, o que é confirmado pela Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSI-LGBT), que tem como objetivo promover a saúde de forma integral (BRASIL,2012). Utilizou como pergunta norteadora: de que forma a voz se expressa nas relações de gênero em pessoas trans?

Nos resultados foram escolhidos pseudônimos; no que diz respeito ao conforto quanto à expressão social de gênero, duas participantes trans demonstraram que a preocupação não é o fato de ser uma pessoa trans, mas sim passar traços do gênero masculino, o que confirma que a terapia fonoaudiológica não deve abordar somente os aspectos vocais, mas tudo que abrange a comunicação; a linguagem, a prosódia, o gestual, sempre no intuito de colaborar com a comunicação eficaz da pessoa transexual, contribuindo assim para o conforto e segurança pessoal deste público que sofre com a transfobia.

Em relação à importância da voz ficou evidente que a maioria dos entrevistados entende essa questão como crucial; e Bento (2008) nos enfatiza isso quando diz em sua obra que a expressão de gênero se reflete no corpo e no comportamento, sendo assim, a voz faz parte dos dois, seja ela como física ou subjetiva. A discussão trouxe uma reflexão sobre a subjetividade da voz quanto à expressão de gênero, e por ser subjetiva nos permite elaborar de forma adequada ações de promoção de saúde para esse público.

Sobre voz e hormonioterapia ficou claro que as mulheres trans têm mais dificuldades nessa relação hormônio-voz do que os homens trans, o que é pontuado na literatura, uma vez que a testosterona aumenta a massa na prega vocal,

produzindo assim uma voz com frequência mais grave (AZUL, 2015a; DAVIES; GOLDENBERG, 2006; NYGREN, et al., 2016).

As principais queixas abordadas no estudo foram questões relacionadas ao “timbre”, instabilidade da emissão vocal, rouquidão, sensação de estar gripado, pouca projeção vocal, problemas de variação da voz (pitch), todas as mulheres trans do estudo procuraram ajuda fonoaudiológica para agudizar a voz e mesmo depois da hormonioterapia ainda houve relatos de problemas de percepção. Nos casos de homens trans, a maioria buscou no tratamento o conforto na comunicação, não somente adequação vocal.

Fica evidente nesse trabalho que quase não há estudos no Brasil sobre homens transexuais, e o autor destaca que são necessários novos estudos, até mesmo para a desconstrução do preconceito; o que é corroborado com o discurso de Ramsey (1996), onde ele diz que mulheres trans e travestis passam por grande sofrimento psicológico, pois enquanto buscam por características do outro sexo sofrem com a pressão da sociedade em relação ao gênero.

No segundo estudo exposto na tabela “Qualidade de vida e voz: a autopercepção vocal de pessoas transgênero” o objetivo foi analisar o impacto da voz na qualidade de vida da pessoa transexual. Participaram do estudo 17 homens trans e 10 mulheres trans, foram aplicados os protocolos de QVV, TVQ e ITDV. Os resultados obtidos foram: 96,3% pessoas declararam apresentar alguma queixa vocal específica (as queixas não foram especificadas no estudo); 44,4% apresentaram resultados sugestivos de distúrbio vocal (que também não foram especificados). Com a aplicação dos protocolos atestou-se que quanto maior a qualidade de vida em voz, menor é a percepção de sua própria voz, ou seja, quanto mais a pessoa trans tem noção de sua voz, pior é sua qualidade de vida, o que está de acordo com a literatura, pois a voz sendo um fator marcante no que se diz respeito ao gênero, a não conformidade da voz com o sujeito pode gerar um impacto psicossocial (DACAKIS, et al, 2012).

O terceiro artigo escolhido “O desafio da voz na mulher transgênero: autopercepção de desvantagem vocal em mulheres trans em comparação à percepção gênero por ouvintes leigos” tem como objetivo analisar como ouvintes leigos julgam as vozes das mulheres trans em relação ao gênero. Participaram da pesquisa 31 mulheres trans assistidas PROTIG (Programa de Transtorno de

Identidade de Gênero), vale ressaltar que desse número apenas duas mulheres participaram de fonoterapia.

Nos resultados 9 mulheres relataram gostar de sua voz, 3 relataram não gostar, 1 disse gostar parcialmente, 1 relatou que varia e 2 relataram ter a voz identificada como “senhora”. Esta informação é congruente com o segundo artigo listado na tabela. Quando escutada por ouvintes leigos 20 vozes foram classificadas como femininas, 8 como masculinas e 3 como de gênero indefinido, nenhuma das participantes referiu problema de voz ou queixa, o que contradiz os dois primeiros estudos abordados neste trabalho.

O artigo “Intervención logopédica en la feminización de la voz en transexuales: revisión bibliográfica” (Intervenção fonoaudiológica na feminização da voz em transexuais: revisão bibliográfica) nos traz que quando a voz não se desenvolve de acordo com o gênero causa um certo desconforto ao indivíduo. O estudo diz que o tratamento que os homens trans mais tem buscado para o tratamento da voz é o hormonal, com o uso de andrógenos, o que traz como efeito a diminuição da frequência fundamental. Alguns autores discordam desta informação, consideram que nem sempre se tem o efeito vocal esperado nessa situação, ainda acrescentam que existem poucos estudos na área da masculinização (Azul, Nygren, Södersten, & Neuschaefer-Rube, 2017).

O estudo traz que o mesmo tipo de medida e instrumentos usados em casos de disfonia são os mesmos usados nas consultas com pessoas transexuais, porém o exame não tem como objetivo a busca de uma patologia vocal, até mesmo porque da mesma forma que a transexualidade não é uma doença a sua voz também não é patológica. No artigo os autores trazem a informação de que o tratamento mais usado para a mulher trans é a fonoterapia, Le Huche e Allali (2014) acreditam que com o insucesso da fonoterapia, a cirurgia das pregas vocais deve ser considerada.

Nesse estudo a principal queixa abordada é a questão subjetiva, uma questão emocional, a insatisfação de uma voz que não é adequada ao gênero; e este dado está de acordo com os demais estudos do quadro. O estudo finaliza abordando o quão pequena é a produção científica sobre esse assunto, quase não há estudos com transexuais adultos e muito menos com adolescentes, o que se confirma quando comparado com os outros estudos.

O último artigo selecionado “Efecto inmediato de la terapia de tracto vocal semiocluido en los parámetros acústicos en personas transexuales entre 13 a 24 años” (Efeito imediato da terapia do trato vocal semiocluído sobre os parâmetros acústicos em transexuais de 13 a 24 anos) tem como objetivo analisar os efeitos imediatos da terapia que usa exercícios do trato vocal semiocluído em pessoas transexuais. Como resultado a queixa principal é o aspecto emocional onde 62,5% refere ao aspecto emocional associado à deficiência vocal como sendo moderada, 12,5% como sendo grave e apenas 25% associando esse quadro com algo leve; esses dados foram retirados da aplicação do QVV (Qualidade de Vida em Voz). O protocolo QVV é constituído por dez questões e verifica a relação qualidade de vida e voz em três domínios, físico, sócio- emocional e global (SERVILHA; ROCCON, 2009). O artigo ainda fala sobre os aspectos de higiene vocal que deveriam ser adotados pelas pessoas trans, sendo que para uma promoção da saúde vocal é necessário manter uma alimentação saudável, realizar repouso vocal em quadros de gripe ou alergia, tomar de 4 a 6 copos de água por dia (SOARES et al., 2007). Este estudo concorda com os demais estudos do quadro.

CONCLUSÃO

De acordo com a revisão bibliográfica conclui-se que a principal queixa vocal da pessoa transsexual é a não adequação da voz ao gênero e questões emocionais advindas desta não adequação, dispensando assim qualquer conceito patológico em relação á voz da pessoa trans. Logo depois vem aspectos como rouquidão, instabilidade da emissão vocal, falta de projeção vocal entre outros. Todos estes aspectos podem ser consequências da falta de conhecimento sobre higiene vocal e um mau uso da voz na tentativa de uma adequação ao gênero, adequação essa muitas vezes feita sem o acompanhamento fonoaudiológico.

A compreensão destas queixas é importante para a elaboração de ações de saúde que contemplem este público, que sofre com barreiras ao acesso de serviços públicos, seja pela burocracia ou pela transfobia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As publicações sobre esse tema ainda são escassas, trata-se de um assunto contemporâneo e muitas foram as dificuldades em encontrar estudos sobre o assunto. No decorrer dos meus estudos a Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia lançou uma live com o tema: Comunicação e LGBTQIA+: Transcendendo barreiras e ampliando fronteiras, demonstrando assim que a Fonoaudiologia abraça esse tema.

Mesmo com as adversidades fiquei feliz em realizar este trabalho, pois se trata de um tema muito relevante, um tema que está inserido na Saúde Coletiva e dentro da área de Voz, um tema contemporâneo e que merece a atenção da Fonoaudiologia.

REFERÊNCIAS

AMERICAN Psychological Association Task Force on Appropriate **Therapeutic Responses to Sexual Orientation**. Report of the Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation. Washington, DC: American Psychological Association, 2009.

ANDREWS ML. **Voice Therapy for Children**. San Diego: Singular, 1991, 327 págs.

Azul, D. **Gender-related aspects of transmasculine people's vocal situations: insights from a qualitative content analysis of interview transcripts**. Int J Lang Commun Disord. 2016 Nov;51(6):672-684.

BARROS, Alana Dantas. **A relação entre a voz e expressão de gênero: a percepção de pessoas transexuais**. 2017.

BEHLAU,M.; PONTES,P. **Avaliação e tratamento das disfonias**. Editora Lovise, 1995.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

BLUMENFELD, W. J. **Internalized homophobia: from denial to action – an interactive workshop**. In: BLUMENFELD, W. J. (Ed.). Homophobia: how we all pay the price. Boston: Beacon Press, 1992.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

Brasil, Ministério da Saúde, **Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa**. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília: Ministério

da Saúde. 2012.

COLTON, R. H., & Casper, J. K. (1996). **Compreendendo os problemas de voz: uma perspectiva fisiológica ao diagnóstico e ao tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas.

COSTA, J. F. (1991). **Os Amores que não se Deixam Dizer**. In A. Lancetti, Saúde e Loucura. São Paulo: HUCITEC.

DACAKIS G. et al. Beyond voice: **perceptions of gender in male-to female transsexuais**. *Curr Opin Otolaryngol Head Neck Surg*, 20:165–170, 2012.

DONNANGELO, M. C. F. **A pesquisa em saúde coletiva no Brasil: a década de 70**. In: ABRASCO. Ensino da saúde pública, medicina preventiva e social no Brasil. Rio de Janeiro, 1983. v. 2, p. 17-35.

DORNELAS, Rodrigo et al. **Qualidade de vida e voz: a autopercepção vocal de pessoas transgênero**. *Audiology-Communication Research*, v. 25, 2020.

GÊNERO e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

GLOBO. **Corpo: Artigo Indefinido**. Caderno Globo 12. São Paulo: Globo Universidade, 2017.

GÓMEZ-RAYA, Alejandra. **Intervención logopédica en la feminización de la voz en transexuales**: revisión bibliográfica. 2018.

KINSEY, A. C; POMEROY, W. B; MARTIN, C. E. **Sexual Behavior in the Human Male**. Philadelphia; London: W. B. Saunders Co., 1948.

OS PRINCÍPIOS de Yogyakarta: **Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero**. Yogyakarta, Indonésia, 2006.

PAIM, J. S.; ALMEIDA FILHO, N. **A crise da saúde pública e a utopia da saúde coletiva**. Salvador: Casa da Qualidade, 2000.

PEAR TH. **Voice and Personality**. London: Chapman & Hall, 1931, 17 págs.

PENTEADO, R. Z.; BICUDO-PEREIRA, I. M. T. **Avaliação do impacto da voz na qualidade de vida de professores**. *Rev. Soc. Bras. de Fonoaudiologia*, São Paulo, ano 8 n. 2, p. 19-28, dez. 2003.

RAMSEY, G. **Transexuais: Perguntas e Respostas**. São Paulo: Edições GLS, 1998.

ROUGHGARDEN, Joan. (2005). **Evolução do gênero e da sexualidade**. Londrina: Planta.

SANDOVAL ZÚÑIGA, María Soledad et al. **Efecto inmediato de la terapia de tracto vocal semiocluido en los parámetros acústicos en personas transexuales entre 13 a 24 años.** 2019.

SCHMIDT, Jeanne Gabriele et al. **O desafio da voz na mulher transgênero: autopercepção de desvantagem vocal em mulheres trans em comparação à percepção de gênero por ouvintes leigos.** Revista CEFAC, v. 20, n. 1, p. 79-86, 2018.

SERVILHA, Emilse Aparecida Merlin; ROCCON, Priscila de França. **Relação entre voz e qualidade de vida em professores universitários.** Cefac, São Paulo, p.42-48, jan. 2009.

SOARES, E. B. et al. **Hábitos vocais em dois grupos de idosos.** Cefac, São Paulo, v. 9, n. 2, p.221-227, jun. 2007.

TUCKER H. **The Larynx.** 2nd ed. New York: Thieme, 1994.

Web

<https://www.youtube.com/watch?v=X035Yj9COmg&feature=youtu.be>